

Reforma Protestante: a liberdade de uma consciência cativa

igreja
do
mirante

Notícia da sessão do CEMES de 24 de Setembro de 2016

“A menos que eu seja convencido pelo testemunho das Escrituras ou por argumento claro (pois eu não confio nem no papa nem em concílios por si só, uma vez que é sabido que eles têm frequentemente errado e se contradizem), sou obrigado pelas Escrituras que eu citei, e a minha consciência é cativa da Palavra de Deus. Eu não posso e não vou retratar-me de nada, uma vez que não é seguro nem correto ir contra a consciência. Que Deus me ajude. Amen.”

*Martinho Lutero, na Dieta de Worms,
uma assembleia presidida pelo Imperador Carlos V, em 1521*

A sessão do CEMES com o tema acima indicado ocorreu no dia 24 de Setembro de 2016, pelas 17,30 h nas instalações da igreja do Mirante e estiveram presentes 44 pessoas de diversas confissões cristãs, todas elas de alguma forma motivadas para a apresentação e debate em torno do tema proposto. O Pastor Eduardo Conde, da nossa Igreja Metodista de Aveiro, que dispensou mais apresentações, foi o orador convidado.

Em 2017 celebrar-se-ão 500 anos passados sobre a Reforma Protestante. Nesse sentido, pareceu-nos adequado que o CEMES iniciasse as sessões do ano letivo de 2016-2017, evocando precisamente a Reforma ou os contextos e acontecimentos que acabaram por conduzir à divisão da Igreja do Ocidente no século XVI, centrando-a no polémico e arrojado Martinho Lutero, um homem com um espírito tão atormentado quanto fervoroso e determinado. Na verdade, o nome de Martinho Lutero emerge sempre que evocamos a Reforma Protestante, apesar de nesse processo também terem estado envolvidos outros reformadores.

O tema escolhido para esta sessão encerrava uma aparente contradição, mas é revelador da personalidade de Martinho Lutero, um homem livre, mas com uma consciência cativa unicamente da Palavra de Deus. Lutero terá feito a declaração que acima esta notícia, quando instado a retratar-se, a renunciar ou a desmentir o que tinha escrito nas suas 95 teses, em que pôs em causa as indulgências ou o poder do papa para perdoar pecados ou qualquer tentativa humana para comprar o perdão dos pecados. Lutero não se retratou. Passados 500 anos, depois de ter sido considerado um herege durante séculos pela Igreja Católica Romana, é agora reconhecido como um teólogo eminente, um dos maiores pensadores religiosos de todos os tempos.

O orador começou por lembrar a premência da abordagem deste tema nos nossos dias, para que não caia no esquecimento o que efetivamente esteve em causa na época em que a Reforma Protestante ocorreu, pois não se tratou unicamente de uma luta de poder entre católicos versus os que depois ficaram conhecidos por protestantes, como alguns atualmente querem fazer crer. De uma maneira geral, defendeu que a Reforma Luterana acabou por ser o epicentro do movimento

reformador, que desencadeou um autêntico “terramoto” capaz de abalar os fundamentos de teorias teológicas completas, retirando-lhes todo o sentido. Lutero redescobriu a mensagem paulina da justificação pela fé e isso conduziu-o a uma nova compreensão de Deus, da Igreja e dos sacramentos, assim como a uma nova forma de estar neste mundo.

Mais uma vez, o orador desta sessão teve a amabilidade de nos ceder o texto da sua apresentação que transcrevemos na íntegra:

1. Motivos que conduziram à Reforma luterana

Não se pode dizer que os objetivos da Reforma de Lutero constituíssem à data uma novidade absoluta. Contudo, a época anterior a ele ainda não estava preparada para tal. Agora, porém, tinha chegado a altura certa. Só faltava um génio religioso para reunir estes objetivos e transmiti-los verbalmente, assumindo-os pessoalmente. Martinho Lutero foi o homem certo na ocasião certa.

Quais foram os fatores que prepararam, imediatamente antes da Reforma, a nova mudança de paradigma na história universal? Fazendo um breve resumo:

- o desmoronamento da autoridade papal à escala universal; o cisma do Oriente; o papado, primeiro duplo e depois triplo, em Avinhão, Roma e Pisa, assim como a ascensão dos estados nacionais da França, Inglaterra e Espanha;
- o insucesso dos concílios reformadores (Constança, Basileia, Florença, Latrão) no que diz respeito à «reforma da Igreja na sua cabeça e nos seus membros»;
- a substituição de uma economia natural por uma economia monetária; a descoberta da imprensa, o desejo de uma formação cultural à escala universal e de maior conhecimento da Bíblia;
- o centralismo absolutista da Cúria, a sua vida dissoluta, a sua política financeira desenfreada e a sua resistência visceral a qualquer reforma. Por fim, as indulgências para a reconstrução da Basílica de S. Pedro, o que foi visto, na Alemanha, como o cúmulo da exploração curial.

Na verdade, tudo estava a postos para uma mudança de paradigma, mas faltava alguém que a apresentasse, de uma forma convincente. Ora, foi isto que sucedeu através de um único monge, através da figura profética de Martinho Lutero, nascido a 10 de novembro de 1483, na cidade turíngia de Eisleben. Apesar de, enquanto jovem monge e doutor de teologia, não ter sido, de maneira nenhuma, um profeta e de se ter sempre compreendido a si mesmo como um professor da Igreja, Lutero foi capaz de canalizar, através da sua intuição, e de uma forma inspirada, a ânsia religiosa do fim da Idade Média. Centralizou todos os movimentos reformadores — até aqui frustrados — na sua personalidade genial e profundamente crente, delineando um objetivo preciso e exprimindo as suas preocupações através de uma linguagem de uma força inaudita. Sem Martinho Lutero não teria sido possível a Reforma na Alemanha!

2. A questão fundamental — o epicentro

Devido à sua angústia mortal perante uma trovada acompanhada de relâmpagos e devido ao seu medo permanente de não poder comparecer diante de Cristo, no juízo final, Lutero foi enviado pelo seu pai (mineiro e metalúrgico de profissão) para um mosteiro, embora contra a sua vontade. Tinha, então, 22 anos de idade.

Quando é que este fiel cumpridor das regras e das boas obras, de acordo com o espírito dos monges agostinhos, se tornou no ardente reformador, cujo princípio fundamental haveria de ser a «fé apenas»? As opiniões dos historiadores dividem-se no que diz respeito ao momento concreto da «irrupção da

Reforma».

Martinho Lutero, cuja formação escolástica em filosofia e teologia era em tudo semelhante à de Tomás de Aquino, entrou numa crise profunda. A vida de monge não tinha resolvido nenhum dos seus problemas, tinha, até, agudizado muitos deles. As missas, o jejum, a confissão, as penitências a que Lutero, enquanto eremita agostinho se tinha sujeitado, com toda a seriedade, não tinham conseguido apaziguar as suas questões acerca da salvação e da condenação pessoais. Através de uma intuição súbita da graça justificante de Deus (alicerçada num estudo incansável do texto bíblico), Lutero abriu-se a uma nova compreensão da justificação do pecador.

Portanto, o ponto de partida para os objetivos da reforma de Lutero não se encontra em quaisquer inconvenientes eclesiásticos, nem, tão-pouco, em questões acerca da Igreja, mas sim na problemática da salvação: como é que o ser humano se relaciona com Deus? Como é que Deus procede com o ser humano? Como é que este pode estar certo da salvação em Deus? Como é que o pecador pode reordenar a sua relação com o Deus redentor? Quando é que ele se encontra justificado diante de Deus? Lutero encontrou a resposta a estas perguntas, antes de mais, na Carta do apóstolo Paulo aos Romanos: o ser humano não se pode apresentar justificado diante de Deus, nem justificar-se a partir das suas próprias forças, ainda que seja muito piedoso. Quem justifica o pecador é o próprio Deus. Mais: Deus fá-lo sem qualquer merecimento humano, exclusivamente a partir da sua graça, porque ele é o Deus da graça, graça que o ser humano tem acesso apenas através da confiança proporcionada pela fé! Para Lutero, a virtude teológica mais importante é, sem dúvida, a fé. É na fé que o pecador injustificado recebe a graça justificante de Deus.

Este foi o argumento teológico decisivo. Mas, a este, vem acrescentar-se imediatamente um outro: uma nova compreensão do acontecimento da justificação por Deus conduz Lutero a uma nova compreensão da Igreja.

Assim, Lutero critica radicalmente uma doutrina e uma prática alheias ao evangelho, uma Igreja secularizada e reduzida a preceitos, juntamente com os seus sacramentos, ministérios e tradições.

3. A faísca reformadora — a gota de água

A polémica das indulgências não constitui o fundamento da Reforma, mas também não é apenas algo exterior, accidental. Foi o seu catalisador, o fator que a precipitou.

O Papa pode e deve conceder indulgências?

Poderá o Papa conceder aos vivos e, até, aos mortos (no purgatório) o perdão parcial ou total das penas temporais a que Deus, antes da entrada na vida eterna, os condenou?

Na altura, esta questão não só tinha um profundo alcance teológico, como era de grande significado político. Lutero tinha-se imiscuído numa campanha ímpar, estabelecida, na Alemanha, por disposição do Papa Leão X, com todos os meios de propaganda disponíveis, a favor da reconstrução da Basílica de S. Pedro. O comissário geral para esta chamada «indulgência petrina» era o arcebispo de Mogúncia, Albrecht von Brandenburg.

Este ataque não só significava um golpe na legitimação teológica das indulgências como também feria a autoridade daqueles que tinham encenado esta ação a fim de que ela revertesse a seu favor: o Papa e os bispos. Lutero resume a sua tomada de posição nas 95 teses, envia-as ao arcebispo Albrecht, de Mogúncia, responsável pela campanha, e torna-as, simultaneamente, do conhecimento público, através da sua difusão nos domínios académicos. A afixação das suas teses à porta da igreja do palácio de Wittenberg, precisamente a 31 de Outubro (ou 1 de Novembro) de 1517, não passa de uma lenda. A sua origem

encontra-se, aliás, em Melanchton, o mais inteligente e fiel dos companheiros de Lutero, que, na altura, ainda ensinava na Universidade de Tubinga e que só fez esta declaração (insinuação) após a morte de Lutero.

4. O programa da Reforma — material didático

1520, o ano da rutura político-ecclesial, foi, igualmente, um ano de rutura teológica para Martinho Lutero. Foi o ano em que elaborou os grandes escritos programáticos da Reforma.

- O primeiro escrito foi dirigido às comunidades (no início de 1520). Trata-se de um extenso sermão Acerca das Boas Obras, texto menos pro-gramático do que edificante, elaborado em alemão. O seu conteúdo teológico é fundamental, uma vez que Lutero aborda aqui aquele que cons-titui o “seu” princípio basilar, a questão decisiva para a própria existên-cia cristã: a relação entre a fé e as obras — âmago da fé — assim como as consequências práticas que daí resultam.

- O segundo escrito, dirigido ao Imperador, aos príncipes e aos restantes nobres, retoma as acusações (Agravos) à nação alemã e é um apelo exaltado à reforma da Igreja. Foi escrito numa linguagem popular e intitula-se: Aos Nobres Cristãos da Nação Alemã acerca da Reparação da Situação Cristã (Junho 1520). Lutero dirige aqui o seu maior ataque ao sistema papal, cujas pretensões impe-dem uma reforma da Igreja. Na opinião de Lutero, são estas as pretensões papais: (1) o poder espiritual está acima do poder temporal; (2) o Papa é o único verdadeiro intérprete da Escritura; (3) só o Papa pode convocar um concílio.

- O terceiro escrito data do fim do verão de 1520 e dirige-se aos inte-lectuais e aos teólogos. Por isso, foi escrito em latim e possui uma linguagem científica. Chama-se Acerca do Cativo Babilónico da Igreja. Este escrito, o único estritamente teológico-sistemático, uma vez que Lutero era exegeta, debruça-se sobre a questão dos sacramentos.

- O quarto escrito, tornado público no outono desse mesmo ano, Acerca da Liberdade de UmCristão, Lutero desenvolve a temática do primeiro escrito e fornece um resumo da compreensão luterana da justificação, a partir de duas frases de 1 Cor 9, 19 (Porque, sendo livre para com todos, fiz-me servo de todos, para ganhar ainda mais): «Um cristão é senhor de todas as coisas, não se encontrando sujeito a ninguém» (no que diz respeito ao homem interior) e «um cristão é servo de todas as coisas e encontra-se sujeito a todos» (no que toca às obras, portanto ao homem exterior). A fé é o princípio que faz do ser humano um ser livre, ao serviço dos outros, no que toca às obras.

Estes quatro escritos constituem os fundamentos da Reforma. É a par-tir deles que podemos responder às questões acerca das preocupações cen-trais de Martinho Lutero, tal como se manifestaram nos seus escritos, acerca daquilo que motivou o seu protesto, a sua teologia e a sua política.

5. O impulso reformador fundamental — Solas

Apesar de ter provocado uma verdadeira explosão política, Lutero per-maneceu um homem de fé, um teólogo, que, devido a uma necessidade existencial, se debateu com a questão da graça de Deus em face da condição pecadora do ser humano. Trata-se de uma compreensão superficial aquela que procura explicar Lutero apenas a partir da sua luta contra os defeitos da Igreja, especialmente contra as indulgências, ou a partir do seu desejo de libertação da autoridade papal. Não. O seu ímpeto reformador, assim como o seu efeito histórico explosivo, provém unicamente da sua convicção da necessidade de um retorno da Igreja ao evangelho de Jesus Cristo, tal como ele o tinha experimentado na Sagrada Escritura, em especial nas Cartas

de Paulo. Significa isto, concretamente (constituindo estes elementos os pontos essenciais da distinção entre Lutero e o paradigma medieval), que:

- Lutero opõe o primado da Escritura às tradições, leis e autoridades, desenvolvidas ao longo de séculos: «SÓ a Escritura» («sola scriptura»).
- Lutero opõe o primado de Cristo aos milhares de santos e miríades de mediações ministeriais estabelecidas entre Deus e o ser humano: «SÓ Cristo» («solus Christus»)!
- Lutero opõe o primado da graça e da fé aos requisitos religiosos e aos esforços humanos piedosos, prescritos pela Igreja, com o fito de alcançar a salvação da alma («obras»): «SÓ a graça» («sola gratia») do Deus da graça, revelado na cruz e na ressurreição de Jesus Cristo, e só a fé e a confiança incondicionais do ser humano nesse Deus («sola fidei»)

A sua teologia da justificação constituiu a base para um apelo público da Igreja à reforma, no espírito do evangelho, uma reforma que não procura tanto novas formulações doutrinárias, como, sobretudo, uma renovação da vida da Igreja, em todos os setores. (Ecclesia Reformata et Semper Reformanda est, Igreja reformada sempre se reformando — reformador holandês, Gisbertus Voetius (1589-1676))

6. O paradigma reformador

O retorno ao evangelho, como forma de protesto contra os desvios e o comportamento negativo da Igreja e da teologia tradicionais, constitui o princípio do novo paradigma eclesial e teológico. De facto, a nova compreensão do evangelho e a renovação da importância atribuída à doutrina da justificação proporcionaram uma orientação diferente para a teologia, em termos globais, e uma reestruturação da Igreja: estamos diante da mudança de paradigma, por excelência.

Tal como os astrónomos, depois de Copérnico e Galileu, também os teólogos, depois de Lutero, se habituaram a uma nova perspectiva. Significa isto que muitas coisas que tinham passado despercebidas anteriormente são agora valorizadas, deixando-se possivelmente de lado algumas coisas que tinham sido valorizadas até aqui. A compreensão luterana de Palavra e da fé, da justiça divina e da justificação do ser humano, da mediação de Jesus Cristo e do sacerdócio comum dos crentes conduz a uma conceção radicalmente nova da teologia, na sua globalidade, isto é, uma conceção centrada na Bíblia e em Cristo. Da sua redescoberta da mensagem paulina da justificação resulta, para Lutero:

- uma nova compreensão de Deus: não um Deus abstrato, «em si», mas um Deus que é «para nós», o Deus concreto da graça;
- uma nova compreensão do ser humano: um ser humano que, aos olhos da fé, é «simultaneamente justo e pecador»;
- uma nova compreensão da Igreja: não um aparelho burocrático de poder e um império financeiro, mas sim, de novo, a comunidade dos crentes, baseada no sacerdócio universal de todo o povo;
- uma nova compreensão dos sacramentos: não como um ritual quase mecânico, mas sim como promessas de Cristo e sinais da fé.

O cristianismo ocidental tinha chegado a uma situação limite: o catolicismo romano tradicional interpretou a Reforma como um abandono do cristianismo verdadeiro. Para os evangélicos, pelo contrário, ela significa a recuperação da sua forma original.”

Seguiu-se um debate participado que permitiu ao orador lembrar e esclarecer algumas questões, como o facto de a Reforma ter tido como um dos seus palcos principais a Alemanha. Falou-se da influência do protestantismo nos países do norte da Europa e do catolicismo nos países do sul, assim como no impacto que isso teve no desenvolvimento de uns e outros, bem como na mentalidade dos povos, já que a leitura da Bíblia permite abrir o posicionamento à reflexão dos outros. Foi lembrada a influência da Inquisição em Portugal e Espanha, para cá dos Pirenéus, apesar de Navarra ter sido em tempos um reino protestante. Foram referidos alguns portugueses que aderiram ou sofreram a influência das ideias da Reforma, como Damião de Góis, que traduziu o livro do Eclesiastes, muito antes da tradução da Bíblia por João Ferreira de Almeida. Também foram referidos os contactos de Lutero com Erasmo de Roterdão e a influência mútua do pensamento reformador de Lutero com o pensamento humanista de Erasmo, apesar das suas conhecidas divergências, nomeadamente no que dizia respeito à fé.

Em relação a Lutero e aos outros reformadores considerou-se que se envolveram em processos complementares, mas que Lutero concentrou os desejos de todos os pré reformadores e abriu a porta aos demais, constatando-se que outros acabaram por ir mais longe do que ele no que diz respeito aos sacramentos, por exemplo em relação à transubstanciação que alguns reformadores rejeitaram. Tendo a Reforma provocado imensas ruturas, considerou-se que a História é feita de ruturas dentro de uma certa continuidade, o que aconteceu com Lutero em alguns aspetos. Lembrou-se que a Igreja Católica Romana reagiu ao movimento reformador com o que historicamente ficou conhecida por Contra-Reforma. No Concílio de Trento, as posições da Igreja foram reafirmadas, tendo sido por essa altura definido o cânone da Bíblia aceite pela Igreja de Roma, que inclui 73 livros, mais 7 do Antigo Testamento do que a Bíblia aceite pelos protestantes.

Finalmente, considerou-se que não nos devemos deixar iludir, pensando que, na atualidade, num contexto de contactos ecuménicos fraternos, as diferenças entre católicos e protestantes já não fazem qualquer sentido ou estão totalmente ultrapassadas, tentando suavizar o impacto da Reforma Protestante no seu tempo e, de alguma forma, permitindo a sua desvalorização. Se no tempo em que ocorreu, a Reforma fez todo o sentido, por ter reposto a reaproximação à Palavra de Deus e ao Evangelho de Jesus Cristo, na atualidade não deixa totalmente de o fazer, apesar da popularidade do Papa Francisco e do seu testemunho diante do mundo, que em muitos aspetos reconhecemos muito evangélico. No entanto, o orador lembrou uma indulgência plenária a vigorar neste momento, por convocação do atual Papa de um Jubileu Extraordinário que tem o seu centro na misericórdia de Deus, um “Ano Santo da Misericórdia” proclamado mediante a bula “O Rosto da Misericórdia”. Esta iniciativa prevê o perdão dos pecados para quem entrar pelas portas de certas catedrais / igrejas, durante um certo período de tempo.

A sessão do CEMES do mês de Outubro ficou marcada para sábado dia 29, desta vez no edifício recentemente recuperado nas instalações da Igreja do Monte Pedral, à Rua Padre Pacheco Monte, no Porto. O tema será a Evangelização e o orador o Rev. Steven Wild, da Igreja Metodista na Grã-Bretanha.